



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA**

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

VALDIELE FRANCISCA DA SILVA

**O LÚDICO EM SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO COM A
MÚSICA PARA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA**

CAMPINA GRANDE – PB

2021

VALDIELE FRANCISCA DA SILVA

**O LÚDICO EM SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO COM A
MÚSICA PARA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso de
Licenciatura em Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Joana D'Arc Araújo Ferreira

CAMPINA GRANDE-PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Valdiele Francisca da.

O lúdico em sala de aula [manuscrito]: contribuições do trabalho com a música para o processo de ensino aprendizagem em geografia/ Valdiele Francisca da Silva. - 2021.

35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - João Pessoa, 2021.

"Orientação: Profa. Dra. Joana D'Arc Araújo Ferreira, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de geografia. 2. Lúdico. 3. Musicalização. 4.

Ensino aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 371.225

VALDIELE FRANCISCA DA SILVA

O LÚDICO EM SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO COM A
MÚSICA PARA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso de
Licenciatura em Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em Geografia.

Aprovada em: 30/06/2021

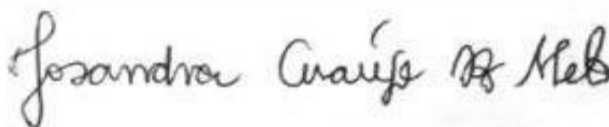
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Joana D'Arc Araújo Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^o Me. Francisco Evangelista Porto.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dra. Jossandra Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
2.1	O surgimento da Geografia e sua trajetória.....	08
2.2	O lúdico na Escola: Onde começar?.....	10
2.3	A música como estratégia para o ensino de Geografia.....	12
3	METODOLOGIA	14
3.1	Natureza e tipo de pesquisa.....	14
3.2	Descrição das sequências didáticas analisadas.....	15
4	REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS PRODUTIVAS: TRABALHANDO A MÚSICA POR MEIO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	16
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	20
	ANEXO	23

O LÚDICO EM SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO COM A MÚSICA PARA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

THE LÚDICO IN THE CLASSROOM: CONTRIBUTIONS OF WORKING WITH MUSIC TO THE TEACHING PROCESS LEARNING IN GEOGRAPHY

Valdiele Francisca da Silva

RESUMO

O propósito desta pesquisa foi realizar uma reflexão acerca da abordagem do trabalho com o lúdico em sala de aula, de forma mais específica, da utilização da música como aparato metodológico na ministração das aulas da disciplina de Geografia. A geografia se consolidou enquanto disciplina escolar/acadêmica após passar por um notável processo de evolução histórica, todavia, sua base metodológica se pautou na explanação acrítica acerca da realidade, onde os alunos eram vistos como meros receptores de conteúdos. No entanto, as transformações vivenciadas pela sociedade, exigiu uma inovação por parte da educação, era preciso modificar essa prática de emissor e receptor de conteúdos, era preciso que professores e alunos contruíssem juntos o conhecimento. Nesse contexto, inserir o lúdico em sala de aula passou a ser entendido como uma ferramenta de muita eficácia. Sendo assim, delimitamos a música como a ferramenta lúdica a ser utilizada e lançamos sobre ela um olhar reflexivo. No que diz respeito à abordagem dada a música nas aulas de geografia nas sequências didáticas mencionadas, observou-se que alguns pontos pertinentes ao trabalho com as músicas propostas, acabaram não sendo explorados ou explorados de forma muito breve. Em contrapartida, observamos aspectos positivos, como o tratamento de elementos sociocomunicativos subjacentes ao assunto explorado, o que, a nosso ver, garantiu uma abordagem que trouxe importantes contribuições para o desenvolvimento da criticidade do aluno, assim como, da sua compreensão acerca do entorno que perpassa o conteúdo ministrado.

Palavras-chave: Lúdico; Música; Geografia.

ABSTRACT

The purpose of this research was to reflect on the approach of working with play in the classroom, more specifically, the use of music as a methodological apparatus in teaching Geography classes. Geography was consolidated as a school/academic subject after going through a remarkable process of historical evolution, however, its methodological basis was based on the quantitative explanation of reality, where students were seen as mere recipients of content. However, the transformations experienced by society required an innovation on the part of education, it was necessary to modify this practice of emitter and receiver of content, it was necessary for teachers and students to build knowledge together. In this context, inserting play in the classroom came to be understood as a very effective tool. Therefore, we define music as the playful tool to be used and cast a reflective look on it. With regard to the approach given to music in geography classes in the didactic sequences

mentioned above, it was observed that some points relevant to working with the proposed songs ended up not being explored or explored very briefly. On the other hand, we observed positive aspects, such as the treatment of socio-communicative elements underlying the subject explored, which, in our view, guaranteed an approach that brought important contributions to the development of the student's criticality, as well as their understanding of the environment that permeates the content taught.

Keywords: Ludic; Song; Geography.

1 INTRODUÇÃO

Ao pararmos para refletir acerca do ensino de Geografia, tem-se que ter em mente que essa reflexão deve ir além da Geografia vista para o fim de uma disciplina escolar, a tarefa aqui é bem mais complexa, faz-se necessário levar em consideração a função da Geografia como ciência que desempenha papel importantíssimo na compreensão da realidade espacial.

Quando inserimos o lúdico nessa proposta de reflexão referente ao ensino de Geografia, deixamos clara a intenção de buscar um meio que possibilite a instrumentalização dos discentes frente à análise do ambiente geográfico do qual fazem parte, uma vez que teremos, em mãos, um aparato de cunho metodológico que contribuirá para a intermediação do estudante com o espaço geográfico.

Sabe-se que o lúdico faz referência a jogos, músicas, divertimento, ou seja, a tudo aquilo que causa entretenimento e entusiasmo, tanto em atividades físicas como também mentais. Ao iniciar sua trajetória escolar os alunos se deparam com um universo cheio de novidades (letras, palavras, frases, textos...), e para que haja a inserção dessas crianças nesse ambiente de aprendizagem é preciso que as mesmas consigam participar de forma efetiva desse espaço, ou seja, que elas se entendam como partes do processo de ensino aprendizagem. Foi pensando em alcançar essa inserção que as escolas passaram a usar o lúdico como estratégia, dessa forma, sairíamos do ato repetitivo e mecânico para o ato participativo e prazeroso.

Tornou-se perceptível que se inclui a música, enquanto instrumento lúdico, nas atividades escolares, o interesse e a atenção dos alunos são redobrados, transformando o processo de ensino aprendizado em algo muito mais significativo, capaz de formar cidadãos críticos e reflexivos.

Não podendo ocorrer de forma diferente, à presença da música nas aulas da disciplina de Geografia propicia o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras, desperta a atenção e o interesse dos alunos pelas aulas e, conseqüentemente, contribui para melhoras nos índices de aprendizagem.

Assim sendo, nosso objetivo geral nesse trabalho, portanto, é verificar de que forma estão sendo pensadas e colocadas em prática as metodologias lúdicas, sobretudo através da música, relacionadas ao ensino da disciplina de Geografia e, de modo mais específico; i) enfatizar a importância de conhecer a Geografia para além do seu fim didático; ii) entender o lúdico como ferramenta presente no cotidiano escolar desde o início da trajetória dos

indivíduos; iii) analisar o tratamento dado as músicas para o ensino de Geografia.

Estruturalmente, o presente trabalho, além dessa introdução e das considerações finais, é constituído por outros quatrotópicos.

No segundo tópico, intitulado “O surgimento da Geografia e sua trajetória”, abordamos a visão de alguns estudiosos dessa ciência, como Cavalcanti (1998), Moreira (1998) e outros, fazendo um recorte histórico do nascimento e aplicação dessa disciplina, essencialmente, em território nacional. Falamos ainda da evolução que a mesma sofreu ao longo dos anos, apontando os principais fatores que contribuíram para essa mudança na estruturação do currículo, assim como, da aplicabilidade da disciplina na sociedade de uma forma geral.

No terceiro tópico, cujo título é “O lúdico na Escola: Onde começar?”, contextualizamos brevemente o papel da ludicidade nas relações humanas. Ademais, enfatizamos as contribuições que o uso do lúdico em sala de aula pode trazer para todo o processo de ensino aprendizagem, perpassando pela formação do aluno enquanto cidadão. Para realizar tal contextualização, baseamo-nos em autores como Vygotsky (1997), Fontana (1996), Rebervel (1996), Negrini (2000), Antunes (2000), Aguiar (1999) e Lopes (1996).

O tópico, que vem logo em seguida, trata do tema “A música como estratégia para o ensino de Geografia”, realizamos uma explanação sobre a importância da presença da música em sala de aula, visando apontar a sua capacidade de desenvolver muitas habilidades nos alunos. Apoiamos-nos em alguns autores, a exemplo de Dohone (2003), Britto (2006), Santos (2006), entre outros.

No quarto tópico, Metodologia, tratamos dos aspectos metodológicos do trabalho e, para isso, expomos, de forma breve, a natureza e o tipo da pesquisa empreendida e, em seguida, descrevemos a importância das análises reflexivas empreendidas das bases teóricas estudadas para promover contribuições acerca do tema tratado.

Já no último tópico, Reflexões sobre experiências produtivas: trabalhando a música por meio de sequências didáticas, analisamos duas sequências didáticas que propuseram o ensino de alguns conteúdos específicos através da música, a fim de entender se as propostas metodológicas apresentadas seguiam o que é defendido pelos estudiosos da área sobre a presença da música nas aulas de geografia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O surgimento da Geografia e sua trajetória

Analisar a trajetória da Geografia como ciência é estarmos diante de uma evolução histórica, pautada em um movimento que buscava/busca a interpretação dos fenômenos espaciais, uma vez, que é sabido por todos, ser o espaço, o objeto de estudo da Geografia, portanto, o processo permanente de interpretação do espaço, busca soluções para os problemas observados na sociedade, conforme as variadas nuances do momento histórico em questão.

Nos primórdios, a geografia, enquanto ciência, tinha correntes ligadas ao determinismo e ao reducionismo histórico e espacial, todavia, com o passar dos anos essa linha de pensamento começou a ser substituída pela interpretação dialética das relações, o que veio a proporcionar aperfeiçoamentos consideráveis para as relações ambiente/sociedade, exemplificamos isso da seguinte forma: a paisagem passou a ser estudada levando-se em consideração a relação que estabelece entre sociedade e natureza mediada pelo labor do homem.

Essas mudanças começaram a influenciar diretamente na forma como a Geografia é ensinada nas escolas. No tocante a esse ponto é preciso ressaltar que, somente no século XIX, a Geografia adentrou aos institutos educacionais brasileiros, mas precisamente, no Colégio Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro, a partir daí começou a ser incorporada oficialmente ao currículo das demais instituições de ensino do país. Sobre isso, vejamos as palavras de Cavalcanti (1998),

a introdução da disciplina no referido momento histórico teve como objetivo a formação de cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico. Neste sentido, a autora afirma que a Geografia foi caracterizada como uma disciplina voltada para a “transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios do mundo em geral e dos países em particular”.

Por meio das palavras acima, inferi-se que o primeiro tratamento dado à disciplina em questão, pautava-se num ensino acrítico, descritivo e superficial nas escolas, o que se propagou durante o tempo, tornando-se a face da história da Geografia como componente curricular.

Essa característica de ensino que desvirtuava a capacidade da Geografia, enquanto ciência capaz de tratar das contradições presentes na sociedade e para elas procurar soluções, acabava por não gerar contribuições para uma análise crítica da organização espacial e, em

contrapartida, contribuía para a alienação e a memorização de conceitos destoados da realidade do indivíduo.

Segundo Moreira (1998), dependendo do uso que se faz da Geografia, a mesma pode corroborar para uma sociedade de homens esclarecidos como também para formar uma sociedade de alienados. Ainda nesse contexto, o autor nos provoca a seguinte reflexão:

Tal propriedade, que encontramos em qualquer forma de saber, assume na geografia significado maior. Aquele saber que fala do que parece o óbvio, no fundo se mostra mais perigoso que aquele outro de maior requinte. Já se disse que a geografia é um “saber terra-a-terra”, porque aquilo com que lida é por demais evidente. Capta-se, bastando apenas à percepção. Nossa percepção, todavia, não é capaz de nos pôr em contato com a realidade. Só nos permite o contato com o que ela aparenta. A percepção dá-nos um conhecimento empírico, que em si mesmo não é ainda conhecimento. Justamente porque a geografia é um saber apreendido pela própria vivência direta do mundo circulante, um saber vivido, é que pode compreendê-lo de modo mais imediato. Não de pronto, se o que se vê são as aparências. Diz o povo que “as aparências enganam”. A geografia não pode manter-se neste nível do conhecimento. A realidade esconde-se por trás da aparência, sobretudo porque possui forte carga ideológica. Cabe torná-la revelada (MOREIRA, 1988).

Nesta perspectiva, temos a Geografia que ficou conhecida no ambiente escolar como empirística, ou mesmo, Geografia tradicional, que ia desde a estruturação do currículo até as metodologias aplicadas pelos docentes. Esse ensino de Geografia era regrado pela explanação quantitativa e objetiva da realidade, na qual prevalecia a concepção de neutralidade da ciência, sem que fosse dada atenção às relações sociais. A memorização era, sem dúvidas, a metodologia que prevalecia nesse processo.

Foi somente a partir do final do século XX que essa abordagem tradicional, bem como, os efeitos decorrentes da sua aplicação no currículo escolar passaram a enfraquecer, para a doutrina majoritária, isso se deu em virtude das inúmeras publicações de obras que contemplavam essa temática, apresentando as vantagens de uma mudança de concepção, a exemplo da obra “Estudos de Geografia” de Adas, no ano de 1974, que apresentou subsídios significativos para o debate e para a superação dessa lógica de organização do jogo conceitual e temários dessa ciência.

Conforme Cavalcanti (1998), a Geografia Crítica portou-se como uma inovação da forma de estruturar o ensino da disciplina, uma vez que:

As propostas de reformulação do ensino de Geografia também têm em comum o fato de explicitarem as possibilidades da Geografia e da prática de ensino de cumprirem papéis politicamente voltados aos interesses das classes populares. Nesta perspectiva, os estudiosos alertam para a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico. O ensino de Geografia, assim, não deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência. Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições (CAVACANTI, 1998, p. 20).

O lúdico na Escola: Onde começar?

Apropriando-nos das palavras de Vygotsky (1997), a motivação é um dos fatores principais para o sucesso da aprendizagem. Certamente, essa frase muito diz sobre a importância da presença da ludicidade em nossas escolas, já que o lúdico apresenta o processo de ensino aprendizagem com uma face mais leve, propiciando ao estudante está em um ambiente mais prazeroso e motivador.

Por meio das atividades lúdicas os alunos podem desfrutar de uma conjuntura que abriga conhecimento e entretenimento, que favorece o desenvolvimento intelectual de cada indivíduo, uma vez, que estudos e pesquisas comprovam ter o lúdico caráter eminentemente cultural.

A brincadeira, quando pensada por um viés sócio histórico, é considerada uma atividade humana que compreende cenários sociais e culturais, dessa forma, na medida em que o docente suscita, de forma proposital, situações lúdicas, ele objetiva aguçar a aprendizagem, evidenciando a dimensão educativa da atividade.

Consonante Fontana (1997),

Ao brincar a criança desenvolve seu senso de companheirismo, ao jogar com os companheiros aprende a conviver ganhando ou perdendo procurando entender regras e conseguir uma participação satisfatória. Quando a criança brinca com outra pessoa ela pode receber estímulos e críticas, esperar sua vez e interagir de forma organizada, quando se trata de jogos a lei não deriva do poder e da autoridade, mas das regras a serem seguidas, conhecidas às normas todos têm as mesmas oportunidades, ao participar das brincadeiras a criança aprendem a aceitar as regras impostas, pois o desafio está justamente em saber respeitá-las esperar sua vez e aceitar os resultados.

Portanto, cabe ao professor se portar como um verdadeiro mediador e criar possibilidades para que o aluno venha adquirir novos saberes de forma prazerosa.

Concordante com isso, Rebervel (1996) diz:

Ao invés de impor sua presença e seu conhecimento para classe, o professor deve proporcionar aos alunos a redescoberta do mundo. Dessa forma, o educador levará descoberta dos limites do seu eu e do seu não eu, criando e sugerindo jogos em que as crianças terão experiências conscientes da visão, do som, de contato físico, do movimento que deve ser feito para tocar ou segurar objetos. Se esta experiência é feita com segurança, o mundo externo torna-se mais real e concreto e seus limites mais claros e definidos.

Tratando sobre o tema nos pode surgir o seguinte questionamento: Em qual momento

da trajetória escolar o lúdico deve ser inserido e a partir de qual momento deve deixar de fazer parte?. A fim de refletirmos sobre essa questão, vejamos o que pontua Negrini (2000),

A capacidade lúdica do adulto está relacionada a sua pré-história de vida, ou seja, um estado de espírito relacionado à cultura do corpo. Faz parte da apropriação de um saber, que progressivamente vai se instalando na conduta do indivíduo, face ao seu *modus vivendi*.

Ainda de acordo com as palavras do autor, o conceito de ludicidade foi sendo formado conforme o desenvolvimento humano. Do *homo sapiens*, quando as brincadeiras e os divertimentos ocupavam lugar de destaque pela grande maioria, até o séc XVII e XVIII, quando se adotou uma atitude quanto aos jogos, proibindo os maus e reconhecendo os bons.

Conforme Antunes (2000),

Nas crianças mais novas, o brincar está positivamente associado ao desenvolvimento e maturação gerais do meio ao qual está inserido. No brincar das crianças mais velhas e dos adultos, o corpo fica estimulado e ativo porque motiva e desafia o participante tanto a dominar o que é familiar quanto a responder ao desconhecido em termos de informações, conhecimentos, habilidades e entendimentos e se dá por meio das mais variadas atividades lúdicas.

Por meio das visões expostas depreende-se que, independentemente da idade do indivíduo, o lúdico é realizado por puro prazer e diversão e, por isso, gera uma relação de entusiasmo e alegria frente ao que se está conhecendo.

Quando o professor passa a usar o lúdico como metodologia são grandes as chances do aluno compreender com mais facilidade o conteúdo ministrado e adquirir gosto pela disciplina que está sendo lecionada.

De acordo com Aguiar (1999):

A atividade lúdica, portanto, deve ter um papel de destaque no desenvolvimento dos processos de aprendizagem. Se queremos elaborar propostas de ensino que possibilitem, por parte do aluno, interferências críticas, conscientes e propositivas em seu mundo, haveremos que inovar nossas ações como professores [...].

Nas palavras de Lopes (1996), entendemos que por meio do lúdico procuramos proporcionar motivação ao aluno que não demonstra interesse nenhum pelas atividades escolares, nessas situações o lúdico pode contribuir para uma melhoria nos resultados obtidos pelos alunos. Uma aula inspirada no lúdico, não é necessariamente aquela que ensina conteúdos com jogos ou músicas, mas aquela em que as características do brincar estão presentes, influenciando no modo de ensinar do professor, na seleção dos conteúdos, no papel do aluno, sendo que essa forma de se trabalhar pode trazer à aula um momento de felicidade, acrescentando leveza à rotina escolar e fazendo com que o aluno registre melhor os ensinamentos que lhe chegam.

2.3. A música como estratégia para o ensino de Geografia

Introduzir a música nas aulas da disciplina de Geografia é sinônimo de oportunizar ao discente absorver o conteúdo de maneira agradável, sem que haja uma preocupação instântanea quanto à forma pela qual está sendo avaliado. De acordo com Dohone (2003), “a ludoeducação é a forma eficiente de entrelaçar uma atividade agradável e motivadora com o conteúdo educacional que desejamos e necessitamos transmitir”.

As atividades lúdicas não podem ser encaradas como algo que não se adequa a sala de aula, pelo contrário, o uso de metodologias lúdicas, a exemplo da música, precisa está intimamente ligada com o fazer, do ser e do pensar do estudante. Por essa razão, levar para a sala de aula uma das linguagens artísticas (música) com a qual os alunos têm maior contato no cotidiano, seja através da televisão, rádio, internet, nas rodas de amigos, na igreja, em casa e etc, garante um maior aproveitamento do processo educacional, uma vez, que aguça os sentidos dos alunos e desperta o interesse pela aula que está sendo ministrada.

Encontramos respaldo para a afirmação acima, nas palavras de Britto (2006), ao asseverar que “os estímulos sonoros aumentam as conexões entre os neurônios e, de acordo com cientistas do mundo todo, quanto maior a conexão entre os neurônios, mais brilhante será o ser humano”. Visto isso, afere-se que, utilizar a música como uma ferramenta pedagógica é trabalhar com um método de grande eficiência no alcance do desenvolvimento intelectual do estudante, possibilitando assim, que atinjamos um processo de ensino aprendizagem eficaz.

É inegável a gama de conhecimentos que as letras das músicas podem nos proporcionar, e por reproduzirem, na maioria das vezes, as relações sociais, oportuniza o seu trabalho dentro da disciplina de Geografia. De acordo com Romanelli (2009, s/p), a música [...] “é uma linguagem a todos os seres humanos e assume diversos papéis na sociedade, como função de prazer estético, expressão musical, diversão, socialização e comunicação”. Na escola a música, [...] “é linguagem da arte, [...] é uma possibilidade de estratégia de ensino, ou seja, é uma ferramenta para auxiliar a aprendizagem de todas as disciplinas”.

Apropriando-nos do pensamento de Freire (2001), é primordial que o professor procure se aproveitar das experiências vivenciadas pelos discentes em seu meio de convívio social e, a partir delas, se utilize de mecanismos que permitam aproximar o conteúdo da disciplina com a vivência do estudante, a fim de despertar o interesse desses pelas aulas. Corroborando da mesma linha de pensamento Santos (2006), afirmava que para ter eficácia, o processo de ensino aprendizagem deve partir da consciência da época em que se vive, assim é preciso estar atento para a realidade espacial do momento.

Segundo Kaercher (2002) é necessário introduzir uma geografia crítica em sala de aula, que instigue no aluno a curiosidade de descobrir novos fatos, de aprofundar seus conhecimentos.

Fazer uso da música como aparato metodológico nas aulas de Geografia, atende as ideias de Freire (2006), Santos (2006) e de Kaercher (2002), promover um ensino de Geografia pautado em experiências cotidianas, capazes de formar cidadãos críticos e não apenas, meros reprodutores de conteúdos, uma vez, que a música resgata a subjetividade e afetividade dentro da sala de aula, abrindo novas oportunidades de aprendizagem.

Todavia, faz-se necessário abrir um parêntese quanto ao uso da música nas aulas de Geografia, assim como em qualquer outra disciplina, o docente precisa fazê-lo com responsabilidade, sempre contextualizando com o conteúdo lecionado, seguindo um planejamento específico para que se alcance o objetivo maior, promover um processo de ensino-aprendizagem de qualidade, evitando, dessa forma, que a música seja empregada como passa tempo de aula. Sobre isso, traz Azevedo (2013):

A música não pode ser utilizada, dentro da sala de aula, apenas para dinamizar as aulas, como já foi falado anteriormente. Nesta ótica, é incoerente o professor usar uma música sem fazer nenhum comentário sobre a mesma, apenas como uma forma de preencher o tempo nas suas aulas, já que o mesmo não planejou nada para aula.

Ratifica Ferreira (2010):

[...] a persuasão e a eficiência da música no ensino não se questiona, mas, além de tal técnica de ensino nunca ter sido formalizada, a não ser com relação a alunos com algum tipo de deficiência, não devemos nunca esquecer que a música, nem por sonho, restringe-se apenas a isso. Trata-se de uma arte extremamente rica e dispõe de farto e vasto repertório acessível em qualquer lugar do nosso planeta [...]

Sobre o tema em questão, Oliveira et. al. (2005), aponta que é um mecanismo inteligente que o docente pode usar a seu favor, aliar a facilidade de assimilação encontrada nos mais variados gêneros musicais às propostas metodológicas e curriculares da Geografia, pois ótimos resultados podem ser alcançados, tendo em vista, que a música tem por característica ser atrativa e fascinante, o que lhe faz ganhar plateia por onde passa, na escola não seria diferente, uma música bem trabalhada pode despertar a atenção e o interesse dos discentes, fazendo com que ele tome gosto pelo conteúdo estudado e o assimile com mais facilidade. Dessa forma, entende-se que é extremamente válido fazer uso da música como ferramenta metodológica nas aulas de Geografia.

3 METODOLOGIA

Objetivando dar seguimento a nossa reflexão, a presente seção tem duas finalidades: i) contextualizar, ainda que brevemente, a natureza e o tipo de pesquisa que foi empreendida; e ii) descrever as sequências didáticas que serviram como objeto de nossa análise.

Natureza e tipo de pesquisa

O presente artigo configura-se como um estudo de base bibliográfica, pautada na pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que depende do nosso trabalho interpretativo, enquanto pesquisador, o qual se baseia nos dados selecionados previamente. Essa modalidade de pesquisa facilita a compreensão do estudo, pois se apropria de embasamento teórico para adentrar no tema abordado, analisando os principais pontos, gerando reflexões e aprofundando os conhecimentos.

Segundo o autor Triviños (1987),

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade.

No estudo em questão, a pesquisa se classifica como análise de conteúdo, de acordo com Moraes (1994),

[...] a análise de conteúdo constitui-se de um conjunto de técnicas e instrumentos empregados na fase de análise e interpretação de dados de uma pesquisa, aplicando-se, de modo especial, ao exame de documentos escritos, discursos, dados de comunicação e semelhantes, com a finalidade de uma leitura crítica e aprofundada levando à descrição e interpretação destes materiais, assim como a inferências sobre suas condições de produção e recepção.

Para constituir tal estudo, fizemos a leitura de vários materiais científicos embasados em fundamentos teóricos que proporcionam análises reflexivas, discursivas, até compreender as considerações dos autores abordados, no que tange o trabalho com a música nas aulas da disciplina de Geografia, sendo essa uma ferramenta de grande eficácia no processo de ensino aprendizagem.

Ademais, o estudo configura-se como uma pesquisa documental, posto o fato de que

os dados foram retirados de duas sequências didáticas. É relevante enfatizar que, como partimos da teoria para análise do *corpus*, a pesquisa realizada configura-se como dedutiva.

É importante ressaltar, que a análise desenvolvida baseia-se nos objetivos elencados na introdução deste trabalho. O nosso olhar esteve direcionado para a contemplação de todos os tópicos citados. Para isso, nos apropriamos de diversos autores de forma indireta e, de forma direta, a exemplo de Cavalcanti (1998), Moreira (1998), Vygotsky (1997), Fontana (1996), Rebervel (1996), Negrini (2000), Antunes (2000), entre outros, a ideia central é trazer contribuições acerca da inovação das metodologias no ensino de uma disciplina que por muito tempo se pautou em técnicas mecanicistas e repetitivas, sem levar em consideração, o indivíduo enquanto sujeito inserido em uma sociedade.

Descrição das sequências didáticas analisadas

A primeira sequência didática a ser analisada encontra-se em um artigo intitulado **“Conhecimentos da Geografia: Percursos da Formação Docente e Práticas na Educação Básica.”**, apresentado no XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, da Universidade Federal de Belo Horizonte, tendo como autores Henrique Farias, Valdemira Canêjo e Francisco dos Santos, com ano de publicação datado de 2017.

Enquanto que a segunda sequência didática é de autoria de Alessandra Muniz, divulgada na Revista de Ensino de Geografia, de Uberlândia, como parte de um artigo científico no ano de 2012.

4 Reflexões sobre experiências produtivas: trabalhando a música por meio de sequências didáticas

No presente tópico iremos realizar uma análise reflexiva sobre a aplicação de sequências didáticas para se trabalhar com a música nas aulas de geografia. Levando em consideração, que o livro didático de geografia explora minimamente recursos lúdicos, a exemplo da música, o docente que pretende se utilizar desse aparato metodológico em suas aulas precisa encontrar meios viáveis que lhes permita fazer isso de forma planejada e contextualizada, afinal o objetivo maior é agregar conhecimento ao aluno. Um dos meios que tem se mostrado bastante eficaz para esse fim é a “sequência didática”.

Utilizamo-nos das palavras de Oliveira (2001), a fim de compreendermos melhor esse recurso:

- Conduzir os discentes a uma reflexão e apreensão acerca do ensino proposto na sequência didática;
- Almejar que estes conhecimentos adquiridos sejam levados à vida dos estudantes e não somente no momento da aula ou da avaliação;
- Organizar as intenções pedagógicas através de temas, objetivos, conteúdo que atendam as necessidades do projeto didático, dos professores e dos alunos;
- Organizar as intenções pedagógicas de tal forma que garanta a transversalidade de seus conteúdos temas e objetivos;
- Preparar técnica e academicamente o professor, tornando-o capaz de fomentar e propiciar a construção dos conhecimentos específicos com o grupo alunos sob sua responsabilidade, posto que seja fundamental que se procure, através de pesquisas, ter conhecimentos prévios que ultrapassem o senso comum, o óbvio.

Nessa oportunidade analisaremos duas sequências didáticas, dando os devidos créditos a seus autores, buscando refletir acerca de quais contribuições essa ferramenta pode agregar ao ensino de geografia que se espera atualidade, contextualizado e que fomente a criticidade do estudante.

A primeira sequência elenca como pontos a serem seguidos: elaborar o plano de aula, para isso faz-se necessário selecionar o público - alvo e deixar esse público ciente do propósito de se trabalhar com a música, na sequência, deve-se escolher a temática a ser trabalhada e, a partir daí, fazer a seleção das músicas. Essas músicas devem ser bem estudadas pelo professor para que só depois venha ser trabalhada com os alunos.

A referida sequência para trabalhar com a temática “Urbanização”, fez uso da música “Cidade” de Chico Science. A canção supracitada apresenta uma crítica aos conflitos sociais existentes nas grandes cidades, evidenciando a desigualdade que permeia as classes sociais nas quais a sociedade é dividida.

A letra da música “Cidade” é muito rica em detalhes e, quando analisada em seus pormenores abre espaço para discussões acalouradas e debates muito enriquecedores, cabe ao professor ter conhecimento prévio sobre os assuntos, se apropriar da música e conduzir a aula conforme planejado.

A segunda música trabalhada “Sobradinho” de Sá Gaurabyra, apresenta uma problemática bastante presente em nosso país e que está atrelada a temática urbanização, os impactos que grandes construções, a exemplo da barragem de Sobradinho para a construção de uma hidrelétrica, ocasionam na vida de tantas famílias. Através dessa letra é possível explorar conteúdos como desapropriação de terras, pagamentos de indenizações, entre outros.

É perceptível que o estudo desses conteúdos por meio da música tem maior probabilidade de despertar a atenção do aluno, levantar indagações e, conseqüentemente, torná-los mais participativos, o que contribui positivamente para a construção do conhecimento.

A segunda sequência didática inicia-se da mesma forma que a primeira sequência aqui apresentada, dando destaque para a elaboração do plano de aula, tendo em vista, que é nessa etapa que o eixo temático é selecionado, juntamente com os assuntos que serão discutidos, assim como, a turma a quem se destina a proposta.

Em comparação com a primeira, essa sequência é um pouco mais extensa, foram trabalhadas cinco músicas, a saber: Xote Ecológico, de Aguinaldo Batista e Luiz Gonzaga; Riacho do Navio, composição de Zé Dantas/Luiz Gonzaga; Seca Nordestina, composição de Flávio José; Cidadão, composição de Lúcio Barbosa; Súplica Cearense, composição de Gordurinha/Nelinho e interpretada pelo grupo O Rappa.

A primeira música Xote Ecológico (LUIZ GONZAGA, 1989), abordou a temática “As conseqüências do desenvolvimento do capitalismo industrial” e, fez isso, em parceria com o capítulo do livro didático Geografia Geral e do Brasil: estudos para a compreensão do espaço (TAMDJIAN; MENDES, 2005). A letra da música possibilita a análise dos aspectos históricos, econômicos, sociais e ambientais e fazendo a relação com o conceito de espaço.

A segunda música Riacho do Navio (LUIZ GONZAGA, 2009), abordou a temática “Transposição do Rio São Francisco”, e por meio dela foi possível analisar os impactos socioambientais que a transposição do rio poderá causar, além de verificar as estratégias políticas e econômicas que envolvem essa ação.

Dando seguimento, temos a música Seca Nordestina, de Flávio José (1996), que explorou o tema “Características do semiárido brasileiro: Uso e manejo dos recursos hídricos

no Estado do Ceará”. Através dessa canção foi trabalhado qual o tratamento dado aos recursos hídricos, de forma específica, no Estado do Ceará.

A música Cidadão, gravação de Zé Ramalho (1992), composição de Lúcio Barbosa, foi utilizada para abordar o tema “Aspectos socioespaciais causados pela migração no Brasil”, e deu a oportunidade de que a turma refletisse sobre as consequências causadas pelo fenômeno migratório.

Por fim, trabalhou-se a música Súplica Cearense, interpretada pelo grupo O Rappa (2008). Foram abordadas de forma didática as temáticas “O Ciclo Hidrológico, os tipos de clima do Nordeste e as consequências para a população sertaneja”, os discentes puderam conhecer melhor os tipos de clima do Nordeste, principalmente o clima semiárido, bem como, compreender de que maneira a escassez de água afeta a vida no sertão.

Vimos que a sequência didática analisada é bastante diversificada, as músicas escolhidas possibilitaram um trabalho com muitos temas, o que contempla muitos conteúdos e, conseqüentemente, expande a gama de conhecimentos dos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito geral desse estudo foi refletir acerca do tratamento dado ao lúdico nas aulas da disciplina de geografia, mas precisamente, a utilização da música, enquanto ferramenta metodológica. Para tal, escolhemos analisar duas sequências didáticas e refletir se suas propostas estão em conformidade com o que está posto nos pressupostos teóricos analisados. Logo, buscamos, dentre outras finalidades, verificar a forma como os conteúdos referentes à disciplina em questão são trabalhados nas referidas sequências didáticas.

Os resultados decorrentes da análise realizada revelam que as sequências apresentam uma abordagem dos conteúdos propostos em cada uma, de forma individualizada, de maneira contextualizada, se afastando da forma tradicional que ainda estamos acostumados a ver nas aulas de Geografia. Trabalha-se com aspectos pertinentes a uma reflexão crítica dos conteúdos, como, por exemplo, a inserção dos temas no contexto social do aluno, fazendo relações com a sua vivência e proporcionando discussões sobre os assuntos explorados em sala em sala. Isso nos fez identificar uma abordagem didática que permite ao estudante se apropriar das principais características do conteúdo, refletir acerca de sua aplicabilidade na sociedade, além de oportunizar uma melhor compreensão dos aspectos sócio-discursivos que permeiam o assunto.

Percebe-se, ainda, que o trabalho comunga com algumas recomendações dos documentos oficiais pelo fato de, entre outras razões, explorar o conteúdo com vistas à preparação dos alunos para a realização da prova de redação do ENEM, o que não deixa de ser uma situação real e social de produção de conhecimento.

Todavia, ficou perceptível, que a eficácia da aplicabilidade de uma sequência depende muito do planejamento do professor, que precisa conhecer a turma e, a partir daí, traçar caminhos que garantam que a música será trabalhada em consonância com o conteúdo, mantendo uma relação de igualdade, mas dando destaque para que os alunos construam o conhecimento acerca do conteúdo ministrado.

Ao saber que o trabalho com a música nas aulas de geografia deve contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel social e, ao nos basearmos nos pressupostos teóricos que conduziram esse trabalho, concluímos que o enfoque dado aos conteúdos da grade curricular da aludida disciplina da educação básica, nas sequências didáticas analisadas, se aproxima bastante do que se espera desse trabalho nas aulas de Geografia, com ressalva de alguns pontos, expostos na análise, que precisam ser melhorados, a fim de garantir que o aluno compreenda, de forma efetiva, a função social que essa disciplina desempenha.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Valéria Trevizani de. **Jogos de simulação no ensino de geografia**. Ensino em revista. 1999.
- ARAÚJO, J. C. S. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. In: VEIGA, I. P. A. (org.). **Técnicas de ensino: por que não?** 19ª edição. Campinas: Papirus, 2008 [1991].
- ANTUNES, Celso. **O jogo e o brinquedo na escola**. IN: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org). Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- AZEVEDO, Roberta Jacqueline Saraiva. **A música ensina! Possibilidades metodológicas para o ensino fundamental nas aulas de geografia**. 2013. 51 f. Monografia (Licenciatura em geografia) UFCG/CFP, 2013.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.
- BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e Educação**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FERREIRA, Martins. **Como usar a música em sala de aula**. São Paulo: 7.ed. Contexto, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 2001.
- FONTANA, R.; CRUZ, M. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual. 1997.
- GUIMARÃES, Iara Vieira. Ensinar e Aprender Geografia: Contexto e perspectivas de professores e alunos como sujeitos sócio-culturais. In. **Revista Olhares & Trilhas**, v. 1, n.1, 2000. Escola de Educação Básica. Uberlândia.
- KAERCHER, N. A. **O gato comeu a geografia crítica?** Alguns obstáculos a superar no ensino/aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, N.N, OLIVEIRA, O. (orgs). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.
- MORAES, R. **A Análise de Conteúdo: possibilidades e limites**. In: ENGERS, M. E. A. (Org.). Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Ação: notas para reflexão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- MOREIRA, R. **O que é Geografia**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

NEGRINE, Airton. **O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância à terceira idade.** IN: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org). Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, M. M. Metodologia Interativa: um processo hermenêutico dialético. **Revista Educação:** Porto Alegre: INTERFACES BRASIL/CANADÁ, V1, N.1, 2001.

OLIVEIRA, H. C. M. de, et al. **A música como um recurso alternativo nas práticas educativas em Geografia:** algumas reflexões. In: Revista Caminhos de Geografia. Uberlândia/MG, ano 8, n. 15, jun/2005.

REBERVEL, Olga; **Jogos Teatrais nas escolas;** Ed: Scipione 1996.

ROMANELLI, Guilherme. **Como a música conversa com as outras áreas do conhecimento.** Revista Aprendizagem, Pinhais, n.14, p.24-25, 2009.

SANTOS, Douglas. Conteúdo e objetivo pedagógico no ensino da Geografia (p. 20-61). In: **Caderno Prudentino de Geografia,** n. 17 (Geografia e Ensino). Presidente Prudente: AGB/Pres. Prudente, julho de 1995.

SANTOS, M. A natureza do espaço. São Paulo, Edusp. 2006.

SAIKI, Kim. e GODOI, Francisco Bueno de. A prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. In PASSINI, Elza, Y. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos. O Estágio Supervisionado na formação dos professores de Geografia. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio Souza (Orgs.). **Formação, Pesquisas e Práticas Docentes: Reformas Curriculares em Questão.** João Pessoa: Editora Mídia, 2013.

SILVA, J. L. B. Notas introdutórias de um itinerário interpretativo sobre a formação do pensamento geográfico brasileiro. 1996. 219 f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

SMOLE, Kátia; DINIZ, Maria; CÂNDIDO, Patrícia. **Série Cadernos do Mathema – Ensino Fundamental.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOUZA, Vanilton Camilo de. Desafios do Estágio Supervisionado na formação do professor de Geografia. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio Souza (Orgs.). **Formação, Pesquisas e Práticas Docentes: Reformas Curriculares em Questão.** João Pessoa: Editora Mídia, 2013.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo.** In: _____. Introdução à pesquisa em ciências

sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

FARIAS. Henrique Silveira de; CANÊJO. Valdemira Pereira; SANTOS. Francisco Kennedy Silva dos. **Conhecimentos da Geografia: Percursos da Formação Docente e Práticas na Educação Básica.** XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Universidade Federal de Belo Horizonte. Minas Gerais. 2017.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

1º passo – Elaboração do plano de aula – selecionar o público alvo, deixar claro as finalidades e os objetivos que se pretende alcançar com a inserção da música nas aulas de Geografia.

2º passo – Escolha das temáticas – foram selecionadas nesta etapa duas temáticas que podem ser trabalhadas em sala de aula. Foram elas: urbanização e fontes de energia.

3º passo – Escolha das músicas – “A Cidade” (Chico Science) e “Sobradinho” (Sá e Guarabyra).

4º passo – Análise das músicas – Ouvir, ler a letra, interpretar, questionar e contextualizar os elementos constituintes da música, destacando e construindo com os alunos os conceitos geográficos. Para autora Muniz (2012, p. 81) “As letras de música apresentam noções e conceitos básicos de Geografia. Também é uma das artes que mais influencia na subjetividade, nos desejos e nos comportamentos humanos”.

MÚSICA 1: A CIDADE

(Chico Science)

TEMÁTICA: Urbanização

A CIDADE

(Chico Science)

O Sol nasce e ilumina as pedras
evoluídas Que cresceram com a força de

pedreiros suicidas

Cavaleiros circulam vigiando as pessoas
 Não importa se são ruins, nem importa se são boas

E a cidade se apresenta centro das
 ambições
 Para mendigos ou ricos, e outras armações

Coletivos, automóveis, motos e metrô
 Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs
 A cidade não para, a cidade só cresce

O de cima sobe e o de baixo desce
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce

A cidade se encontra prostituída
 Por aqueles que a usaram em busca de saída

Ilusora de pessoas e outros lugares
 A cidade e sua fama vai além dos mares

No meio da esperteza internacional
 A cidade até que não está tão mal
 E a situação sempre mais ou menos
 Sempre uns com mais e
 outros com menos

A cidade não para, a cidade só
 cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce

A cidade não para, a cidade só
 cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce

Eu vou fazer uma embolada, um samba, um
maracatu
Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra
tu
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus
(haha)
Eu vou fazer uma embolada, um samba, um
maracatu
Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra
tu
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus (ê)

Num dia de Sol, Recife acordou
Com a mesma fedentina do dia anterior

A cidade não para, a cidade só
cresce
O de cima sobe e o debaixo desce
A cidade não para, a cidade só
cresce
O de cima sobe e o debaixo desce

MÚSICA 2: SOBRADINHO

(Sá e Gaurabyra)

TEMÁTICA: Fontes de energia

SOBRADINHO

(Sá e Gaurabyra)

O homem chega já desfaz a natureza
Tira gente põe represa diz que tudo vai mudar
O São Francisco lá pra cima da Bahia
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar

E passo a passo vai cumprindo a profecia do beato que dizia que o Sertão ia alagar

O sertão vai virar mar, dá no coração

O medo que algum dia o mar também vire sertão

Adeus Remanso, Casa - Nova, Santo-Sé

Adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir

Debaixo d'água lá se vai a vida inteira

Por cima da cachoeira o Gaiola vai subir

Vai ter barragem no salto do Sobradinho

E o povo vai se embora com medo de se afogar

O sertão vai virar mar, dá no coração

O medo que algum dia o mar também vire sertão

Remanso, Casa Nova, Sento-Sé

Pilão Arcado,

Sobradinho

Adeus, Adeus

MUNIZ, Alexandra. **A Música nas Aulas de Geografia**. Revista de Ensino de Geografia. Uberlândia. 2012.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

1º passo – **Elaboração do texto didático e do plano de aula** – nesta etapa foram consultados os livros didáticos e os textos científicos, assim como os PCNs de Geografia para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1998) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006). Atentamos para os objetivos a serem alcançados, as habilidades e competências a serem desenvolvidas, os conteúdos conceituais a serem ministrados, o eixo temático ao qual o assunto estava associado, os procedimentos metodológicos escolhidos, bem como identificamos a turma (série/ano) para a qual se destinava a atividade.

2º passo – **Escolha das músicas e demonstração das aulas de Geografia** – as músicas escolhidas foram: *Xote Ecológico*, de Aguinaldo Batista e Luiz Gonzaga; *Riacho do Navio*, composição de Zé Dantas/ Luiz Gonzaga; *Seca Nordestina*, composição de Flávio José; *Cidadão*, composição de Lúcio Barbosa; *Súplica Cearense*, composição de Gordurinha/ Nelinho e interpretada pelo grupo O Rappa.

Selecionamos a seguir algumas considerações acerca das atividades práticas realizadas com a utilização do recurso Música a partir da apresentação dos alunos organizados em grupos, tendo como objetivo geral: problematizar o conteúdo abordado através da utilização da música como fonte de ensino - aprendizagem.

A primeira equipe utilizou a música *Xote Ecológico* (LUIZ GONZAGA, 1989) para abordar a temática “As consequências do desenvolvimento do capitalismo industrial”.

Xote Ecológico

(Aguinaldo Batista/ Luiz Gonzaga)

Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
Se plantar não nasce se nascer não dá

Até pinga da boa é difícil de encontrar

Cadê a flor que estava aqui?

Poluição comeu.

E o peixe que é do mar?

Poluição comeu

E o verde onde que está?

Poluição comeu

Nem o Chico Mendes sobreviveu

A segunda equipe trabalhou com a música *Riacho do Navio* (LUIZ GONZAGA, 2009), para abordar a temática “Transposição do Rio São Francisco”, voltando o conteúdo abordado para o 2º ano do ensino médio.

RIACHO DO NAVIO

(Luiz Gonzaga e Zé Dantas)

Riacho do Navio

Corre pro Pajeú

O rio Pajeú vai despejar

No São Francisco

O rio São Francisco

Vai bater no "mei" do mar

O rio São Francisco

Vai bater no "mei" do mar

Ah! se eu fosse um peixe

Ao contrário do rio

Nadava contra as águas

E nesse desafio

Saía lá do mar pro

Riacho do Navio

Eu ia direitinho pro
Riacho do Navio

A terceira equipe utilizou a música *Seca Nordestina*, de Flávio José (1996), para abordar o tema “Características do Semiárido brasileiro: Uso e manejo dos recursos hídricos no Estado do Ceará”. A discussão da temática estava voltada para o 3º ano do ensino médio e durante o planejamento da atividade, a equipe procurou abordar os conhecimentos adquiridos na disciplina de Recursos hídricos, sem deixar de relacionar com as demais subáreas do conhecimento geográfico.

SECA NORDESTINA

(Flávio José)

O mandacaru secou
O agave e a mancambira
Que a folha virou imbira
Maniçoba esturricou
Aveloz amarelou
Lá não tem mais nada verde
Gado com fome e com sede
Dê um jeito meu senhor

Lá secou meu senhor
Lá secou meu senhor

Bahia de todos os santos
Pernambuco e seridó
Em muitos e muitos outros cantos
Ceará e Maceió
É a seca nordestina
Paraíba masculina
Sempre, sempre é a pior

E o moxotó é de fazer dó
E o moxotó é de fazer dó

Seu doutor tá tudo seco
Baxio tabuleiro e chá

Lá morreu tudo de sede
Cururu caçote e rã
Lá não tem mais nada verde
Nem mesmo o maracanã
Só resta o símbolo da seca
A cigarra e acauã
Acauã, acauã

A Equipe 4 utilizou a música *Cidadão*, gravação de ZéRamalho (1992), composição de Lúcio Barbosa, para abordar o tema “Aspectos socioespaciais causados pela migração no Brasil”, sendo o conteúdo voltado aos alunos do 1º ano do Ensino Médio. Um dos objetivos propostos no plano de aula foi analisar as consequências causadas pelo fenômeno migratório.

Cidadão (Lúcio Barbosa)

Tá vendo aquele edifício moço?
Ajudei a levantar Foi um tempo de aflição
Eram quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
olho pra cima e fico tonto
Mas me chega um cidadão
e me diz desconfiado, tu tá aí admirado
ou tá querendo roubar?
Meu domingo tá perdido
vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber

E pra aumentar o meu
tédio
eu nem posso olhar pro
prédio
que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio moço?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me
arrebento
Pus a massa fiz
cimento
Ajudei a rebocar

Minha filha inocente
vem pra mim toda
cotente
Pai vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
aqui não pode estudar
Esta dor doeu mais
forte
por que que eu deixei o
norreeu me pus a me dizer

Lá a seca castigava mas o pouco que eu
plantava
tinha direito a comer
Tá vendo aquela igreja moço?

Onde o padre diz

amém

Pus o sino e o badalo

Enchi minha mão de

calo

Lá eu trabalhei

também

Lá sim valeu a pena

Tem quermesse, tem

novena

e o padre me deixa entrar

Foi lá que Cristo me disse

Rapaz deixe de tolice

não se deixe

amedrontar

Fui eu quem criou a

terra

enchi o rio fiz a serra

Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou

asas

e na maioria das casas

Eu também não posso

entrar

Fui eu quem criou a terra

enchi o rio fiz a serra

Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou

asas

e na maioria das casas

Eu também não posso

entrar.

Com a música *Súplica Cearense*, interpretada pelo grupo O Rappa (2008), os integrantes da equipe 5 deram ênfase aos conteúdos vistos na disciplina de Climatologia, fazendo também relação com conteúdos de outras disciplinas do conhecimento geográfico que estavam relacionadas ao tema proposto. Foi abordada de forma didática a temática “O Ciclo Hidrológico, os tipos de clima do Nordeste e as consequências para a população sertaneja”, sendo o conteúdo voltado ao 1º Ano do Ensino Médio.

SÚPLICA CEARENSE

(Gordurinha e Nelinho)

Oh! Deus, perdoe este pobre
coitado

Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem
parar

Oh! Deus, será que o senhor se
zangou

E só por isso o sol arretirou
Fazendo cair toda a chuva que há

Senhor, eu pedi para o sol se esconder um
tiquinho

Pedi pra chover, mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão

Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me
perdoe,

Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer oração

Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de

água

E ter-lhe pedido cheinho de mágoa

Pro sol inclemente se arretirar

Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno

Desculpe eu pedir para acabar com o

inferno

Que sempre queimou o meu Ceará